

Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu

Odsjek za romanistiku

Katedra za portugalski jezik i književnost

FRASES COMPLETIVAS EM PORTUGUÊS E ITALIANO
(KOMPLETIVNE REČENICE U PORTUGALSKOM I TALIJANSKOM JEZIKU)

Diplomski rad

Mentorica: dr. sc. Daliborka Sarić

Studentica: Mia Popić

Zagreb, rujan 2016.

SAŽETAK

Ovaj diplomski rad nastoji razmotriti i usporediti strukturu zavisnih kompletivnih rečenica s obzirom na njihove finitne i nefinitne oblike, s posebnim naglaskom na distribuciju glagolskih načina (indikativa ili konjuktiva) u finitnim kompletivnim rečenicama u portugalskom i talijanskom jeziku. U prvom dijelu rada bavimo se zasebno strukturom kompletivnih rečenica u portugalskom, a u drugom dijelu rada prikazujemo bitna svojstva kompletivnih rečenica u talijanskom, uz osvrt na terminološke razlike. U trećem dijelu rada, na temelju podataka prikupljenih u korpusu, donosimo opisno-usporednu analizu kompletivnih rečenica u portugalskom i talijanskom.

KLJUČNI POJMOVI: kompletivne rečenice, glagolski način, portugalski jezik, talijanski jezik

RESUMO

Este trabalho pretende observar e comparar a estrutura das orações subordinadas completivas considerando as suas formas finitas e infinitivas, com ênfase na distribuição das formas verbais (indicativo ou conjuntivo) nas orações finitas na língua portuguesa e italiana. A primeira parte está dedicada à estrutura das orações completivas em português, enquanto na segunda parte mostramos as propriedades mais importantes das orações completivas em italiano, indicando as diferenças presentes na terminologia. Na terceira parte desta tese, apoiando-nos nas informações recolhidas do corpus, fazemos uma análise descritiva e comparativa do uso das orações completivas.

PALACRAS-CHAVE: orações completivas, modo verbal, língua portuguesa, língua italiana

ÍNDICE

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS COMPLETIVAS FINITAS NA LÍNGUA PORTUGUESA	6
1.1. Orações completivas finitas em função de sujeito, objeto direto e complemento oblíquo.....	8
1.1.1. Orações completivas de sujeito	8
1.1.2. Orações completivas de objeto direto.....	10
1.1.3. Orações completivas de objeto oblíquo.....	12
2. SELEÇÃO DO MODO EM ORAÇÕES COMPLETIVAS.....	14
2.1. Subordinação completiva infinitiva: orações subordinadas completivas infinitivas....	17
2.1.1. Estrutura interna e função das orações completivas infinitivas	19
3. ORAÇÕES SUBORDINADAS COMPLETIVAS NA LÍNGUA ITALIANA.....	21
3.1. A classificação das orações completivas na língua italiana	21
3.1.1. Orações completivas subjetivas.....	22
3.1.2. Orações completivas objetivas	23
3.1.3. Orações completivas declarativas	25
3.1.4. Orações completivas interrogativas indiretas.....	26
3.2. Seleção do modo verbal nas orações completivas em italiano.....	26
3.3. Subordinação completiva infinitiva.....	28
4. PORTUGUÊS E ITALIANO EM CONTRASTE.....	30
5. ANÁLISE DA ESTRUTURA DAS ORAÇÕES COMPLETIVAS EM ITALIANO E PORTUGUÊS	31
5.1. Subordinação completiva finita: o verbo da oração completiva no modo indicativo ..	31
5.2. Subordinação completiva finita: o verbo da oração completiva no modo conjuntivo .	34
5.3. Subordinação completiva infinitiva: o verbo da oração completiva no infinitivo (parte I)	37

5.4. Subordinação completiva infinitiva: o verbo da oração completiva no infinitivo (parte II)	40
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE	43
7. CONCLUSÃO	47
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1. ORAÇÕES SUBORDINADAS COMPLETIVAS FINITAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo é dedicado às orações subordinadas completivas e às suas caracterizações funcionais. Tentamos também explicar os diversos tipos das orações completivas e esclarecê-los com vários exemplos.

Todos os exemplos apresentados na parte teórica deste trabalho estão retirados de Raposo *et al.* (2013, pp. 1821-1879). Escolhemos esta gramática do português porque é linguisticamente moderna, científica e, sendo a mais recente, com as noções mais relevantes e suficientemente abrangente para não precisarmos de recorrer a outras.

O termo “completivas” deve-se à função dessas frases que complementam o sentido do predicador que as seleciona (Raposo *et al.*, 2013, p.1821).¹ Por outras palavras, elas são argumentos do predicador da frase matriz, pelo que também são designadas de orações completivas.

A oração subordinada pode ser selecionada pelo verbo da oração principal (cf. (1a,c)), por verbo mais uma preposição regida pelo verbo (cf. (1b)), pode também ser regida pelo substantivo (cf. (2a,b)) ou adjetivo (cf. (3a,b)), quer com a função de complemento (cf. (1a,b), (2a), (3a), quer com a função do sujeito (cf. (1c), (2b), (3b)).² (As orações subordinadas estão destacadas a itálico e o predicador que as seleciona está sublinhado).³

- (1) a) O atleta disse *que não estava nas melhores condições de saúde*.
b) Todos lútam *por que a proposta fosse aprovada*.
c) *Que os exames sejam adiados* não nos convém absolutamente nada.
- (2) a) Tenho medo (de) *que ele se esqueça dos comprimidos*.
b) É um disparate *que proibam essas coisas*.
- (3) a) O Pedro está convencido (de) *que a sua equipa ganha o jogo*.
b) É evidente *que o carro não pega sem gasolina*.

¹ Segundo Cunha e Cintra (1984) as orações subordinadas completivas são designadas de “subordinadas substantivas” e nas gramáticas escolares de “subordinadas integrantes” (*in* Raposo *et al.*, *loc. cit.*).

² São poucos os advérbios que selecionam orações completivas com a função de sujeito, contando-se entre eles *mal* e *bem* (por exemplo, *está bem que estejas telefonado*). Casos em que uma oração completiva com a função de sujeito seja selecionada por uma preposição não existem (Raposo *et al.*, *loc. cit.*).

³ A preposição *de* não se coloca em itálico nos exemplos, visto que não faz parte do predicador, mas é meramente uma ligação entre dois elementos.

De uma forma geral, as orações subordinadas completivas podem ser substituídas por uma expressão nominal, sendo, por essa razão, também designadas substantivas na tradição gramatical.

- (4) a) O atleta disse *que não estava nas melhores condições de saúde*.
b) O atleta disse *a verdade*.
- (5) a) Todos lutámos *por que a proposta fosse aprovada*.
b) Todos lutámos *pela aprovação da proposta*.
- (6) a) É um disparate *que proíbam essas coisas*.
b) A proibição é um disparate.
- (7) a) O Pedro está convencido (de) *que a sua equipa ganha o jogo*.
b) O Pedro está convencido *da vitória da sua equipa*.

Dos exemplos acima referidos podemos deduzir que as orações subordinadas completivas desempenham as funções sintáticas típicas dos argumentos de natureza nominal, nomeadamente sujeito (cf. (6)), complemento direto (cf. (4)) e complemento oblíquo regido de preposição (cf. (5), (7)). “Consoante a função sintática que desempenham, as orações subordinadas são designadas completivas de sujeito, de objeto e oblíquas” (Raposo *et al.*, 2013, p.1825).

No que respeita a sua forma, as orações subordinadas completivas podem ser finitas ou não finitas. Nas primeiras, o verbo ocorre no modo indicativo, conjuntivo ou condicional e apresenta marcas morfológicas de concordância com o sujeito. Nas segundas, o verbo está no infinitivo, que em caso do português pode ser não flexionado ou flexionado, o que significa que pode apresentar marcas morfológicas de concordância com o sujeito (cf. também o Capítulo 3.1.).

O que distingue a subordinação completiva finita da subordinação completiva infinitiva é a presença de um elemento introdutor da oração finita, designado complementador ou conjunção-complementador: *que*, *se* e *como*. O primeiro é usado para introduzir orações subordinadas finitas do tipo declarativo como (cf. (8a)); o segundo é para orações

subordinadas interrogativas (cf. (8b)) e o terceiro introduz orações subordinadas exclamativas como (cf. (8c)); (Raposo *et al.*, 2013, p.1830)⁴.

- (8) a) Disseram-me [*que* o atleta estava em condições de jogar].
- b) Perguntaram-me [*se* o atleta estava em condições de jogar].
- c) É incrível [*como* ela se está sempre a esquecer de tudo].

Ao observar todos os exemplos apresentados até agora podemos constatar que uma oração completiva sempre tem um complementador por um lado e a parte oracional por outra. Comportam-se como uma unidade e por isso podem ser substituídas por meio das formas nominais, mas também pelas pronominais, os demonstrativos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*, ou um pronome átono.

1.1. Orações completivas finitas em função de sujeito, objeto direto e complemento oblíquo

Nesta secção apresentamos as funções sintáticas que as orações completivas podem exercer e as suas caracterizações gerais.

1.1.1. Orações completivas de sujeito

Os exemplos abaixo mostram que uma oração completiva de sujeito, também designada subjetiva, pode ser seleccionada por um verbo (cf. (9a)), um adjetivo (cf. (9b)) e um nome (cf. (9c)) e desempenha a função de sujeito:

- (9) a) *Que haja desinteresse* reflete o não envolvimento de todos neste projeto desde início.
- b) É completamente absurdo *que proíbam essas coisas*.
- c) É um perfeito disparate *que cancelam as aulas por esse motivo*.

Em todos os casos, a oração subordinada é o sujeito da oração principal, visto que pode ser substituída por um sujeito pronominal – demonstrativo invariável *isso*, *isto* ou *aquilo*.

⁴ Sobre propriedades da subordinação completiva finita e tipos gramaticais veja-se Cap. 36.2 (em Raposo *et al.*, 2013, pp.1832-1840).

- (10) b) *Isto* reflete o não envolvimento de todos neste projeto desde o início. (*isto* = *que haja desinteresse*)
- c) *Isso* é completamente absurdo. (*isso* = *que proibam essas coisas*)
- d) *Aquilo* é um perfeito disparate. (*aquilo* = *que cancelam as aulas por esse motivo*)

As orações completivas de sujeito podem ser selecionadas por verbos e estruturas intransitivas ou transitivas. Vemos as classes de verbos que selecionam as orações subjetivas apresentadas em Raposo *et al.* (2013, p.1850):

- 1) Verbos de sentido existencial, como *acontecer, ocorrer, parecer, resultar, seguir-se, suceder* e verbos como *bastar, chegar e faltar* que introduzem uma condição suficiente ou necessária.
- 2) Verbos psicológicos, como *agradar, apetecer, custar, desagradar, doer, importar, interessar* etc.

Outro grupo dos verbos que selecionam as orações completivas de sujeito são os verbos transitivos, que também podem ser divididos em duas subclasses:

- 3) Verbos psicológicos desta subsecção são semelhantes àqueles descritos acima, mas distinguem-se destes do ponto de vista sintático, dando que o argumento experienciador é o complemento direto e não o complemento indireto.⁵ São os verbos como *admirar, alegrar, chocar, divertir, encantar, incomodar, preocupar, surpreender*, etc.⁶
- 4) Verbos inferenciais como *demonstrar, ilustrar, indicar, mostrar, significar*, entre outros, e os verbos de sentido causativo como *impedir, influenciar, levar (a) ou permitir*.⁷

As orações completivas de sujeito podem ser selecionadas por adjetivos, nomes e advérbios, o que é mais frequente nas estruturas predicativas com verbos de cópula.

⁵ Por exemplo, *Surpreendeu-o que o diretor quisesse falar com ele pessoalmente.*

⁶ As orações completivas de sujeito podem também ocorrer com locuções verbais como *dar pena, meter medo, ter graça* que se podem ou não combinar com um complemento indireto (p. ex. *Mete-me medo que ela reaja assim*).

⁷ A inferência, neste grupo dos verbos, pode ser expressa pelo sujeito e pelo complemento direto, que, a sua vez, pode ser também uma oração: *Que não me tenham telefonado até agora significa que não consegui emprego.*

- 1) Oração completiva de sujeito selecionada por um adjetivo
 - a) É claro/certo/evidente *que o carro não pega sem gasolina.*
 - b) É possível *que o orçamento não seja aprovado.*
- 2) Oração completiva de sujeito selecionada por um nome
 - a) É verdade *que ela está doente.*
 - b) É um facto *que o número de candidatos às universidades está a descer.*
- 3) Oração completiva de sujeito selecionada por um advérbio
 - a) Está mal *que ela entre sem avisar.*
 - b) Parece bem *que o vás cumprimentar.*

Nestes exemplos, os predicadores das orações principais (adjetivos, nomes e advérbios sublinhados) combinam-se com um verbo de cópula *ser* (cf. (1) e (2)), *estar* (cf. (3a)) ou *parecer* (cf. (3b)). Esse predicador atribui uma propriedade ao estado de coisas descrito pela oração subordinada finita.⁸

1.1.2. Orações completivas de objeto direto

Orações completivas de objeto direto desempenham a função gramatical de complemento direto e possuem duas propriedades sintáticas: podem ser substituídas por um pronome átono invariável na forma acusativa (cf. (11a)) ou por um demonstrativo tónico invariável (cf. (11b)) e podem passar a sujeito das orações passivas correspondentes (cf. (12a,b)), (Raposo *et al.*, 2013, p.1859).

- (11) a) Eu sabia-o. (cf. eu sabia *que a reunião fora adiada*)
b) Eu sabia *isso*.
- (12) a) Era sabido que a reunião fora adiada.
b) Foi afirmado na sessão que a reunião fora adiada.

⁸ Um tipo de copulativas que não deve ser confundido com o que acabámos de descrever é aquele em que a oração completiva finita não é sujeito, mas sim o predicativo do sujeito. Os seguintes exemplos ilustram este tipo de construção: *A verdade é que vai haver eleições no próximo ano.*, *O certo é que ninguém sabe o que fazer*. Nestes exemplos, a oração completiva não atribui nenhuma propriedade à entidade abstrata representada pelo sujeito, mas limita-se a especificar, ou explicitar, o próprio conteúdo dessa entidade, por isso, essas construções são chamadas “orações copulativas especificativas” (Raposo *et al.*, 2013, p.1858).

As orações completivas com a função de objeto direto podem ser selecionadas por verbos, nomes e adjetivos.⁹ Verbos que as selecionam são vários, vamos apresentá-los e fazer uma breve descrição de cada classe (presa de Raposo *et al.*, 2013, pp. 1859-1868):

- 1) No primeiro grupo estão os verbos do a) conhecimento, verbos como *adivinhar, compreender, mostrar, notar, observar, perceber, saber, verificar* ou desconhecimento como *esquecer* e *ignorar*; b) crença (*achar, acreditar, concluir, imaginar, julgar, pensar*) ou descrença (*desconfiar, duvidar*) e c) verbos declarativos como *admitir, confessar, confirmar, declarar, dizer, explicar, mencionar, negar, precisar, responder* etc.
- 2) O segundo grupo formam os verbos: a) de ficção *fantasiar, fingir, imaginar, inventar* e *sonhar*, entre outros, b) compromissivos como *ameaçar, decidir, jurar* ou *prometer* e c) verbos de percepção que se associam à expressão de sensações como *ouvir, pressentir, sentir* e *ver*.¹⁰ Um outro grupo dos verbos que selecionam unicamente orações interrogativas indiretas são d) verbos de inquirição (*averiguar, inquirir* ou *perguntar*).
- 3) O terceiro grupo é formado pelos: a) verbos diretivos (*exigir, lembrar, mandar, ordenar, pedir, proibir*, etc.), b) verbos avaliativos (*aceitar, lamentar, recear, temer, tolerar*), c) verbos volitivos (*desejar, esperar, preferir, querer* etc.), d) verbos inferenciais (*demonstrar, ilustrar, indicar, mostrar, significar*) e verbos causativos (*causar, permitir* e *provocar*).¹¹

Para concluir o capítulo sobre as orações completivas objetivas mencionamos dois processos que afetam a realização do complementador *que*: a sua supressão e a sua reduplicação. A supressão do complementador *que* é possível quando a oração completiva está no modo conjuntivo e verifica-se quase exclusivamente na escrita, em registros formais (cf. (13a)) enquanto a reduplicação do complementador *que* ocorre na fala informal (cf. (13b)).

⁹ Para mais detalhes sobre esse assunto veja-se Cap. 36.2. (in Raposo *et al.*, 2013, pp.1870-1882).

¹⁰ Sempre que os verbos de percepção se combinam com orações subordinadas finitas exprimem estados mentais do plano da cognição. Há diferença entre a frase *ver a chuva* (a) *cair* e *ver que a chuva cai*, porque só um indivíduo que saiba o que é a chuva pode ver que a chuva cai, no sentido cognitivo, enquanto a expressão infinitiva descreve uma experiência que não exige o conhecimento do que é a chuva (Raposo *et al.*, 2013, p.1867).

¹¹ Cf. Cap. 2.1.1.

(13) a) Requeiro seja enviado o Processo a outra instância. (Bechara 1999:485, *in* Raposo *et al.*, 2013, p.1869).

b) porque acho *que* uma pessoa *que* deve desfrutar da vida o melhor que puder (*in* Raposo *et al.*, *loc. cit.*)

1.1.3. Orações completivas de objeto oblíquo

Orações completivas oblíquas (cf. (14a)) selecionadas por um verbo são introduzidas por uma preposição e também elas podem ser selecionadas por verbos, adjetivos ou nomes. Estas orações podem ser substituídas pela forma tónica de um dos pronomes demonstrativos neutros (mais comumente *isso* (cf. (14b))). (Raposo *et al.*, 2013, p.1868)

(14) a) Aquela situação conduziu a *que aumentasse descontentamento na fábrica*.

b) Aquela situação conduziu a *isso*.

Os verbos que selecionam orações completivas finitas regidas de preposição subdividem-se em dois grandes grupos:

1) Verbos intransitivos, que não selecionam um complemento direto para além do complemento oracional oblíquo (cf. (15a)). Pertencem neste grupo os verbos como *levar a*, *concordar com*, *gostar de*, *confiar em*, *optar por* etc.

2) Verbos transitivos, ou seja, para além de selecionarem a oração completiva oblíqua, selecionam também um complemento direto nominal (cf. (15b)). São os verbos como *aconselhar a*, *convencer a*, *acusar de*, *lembrar de* etc.

(15) a) Todos lutámos por *que a proposta fosse aprovada*.

b) Os amigos aconselharam-na a *que não cantasse mais*.

Para terminar este capítulo vamos ainda referir algumas particularidades sobre as orações completivas com a função de complemento de adjetivos e de nomes. De uma forma geral, as orações que são complementos de adjetivos, são introduzidas por preposição (cf. (16a)), porém, há adjetivos que não regem nenhuma preposição em particular. Neste caso é inserida a

preposição *de* que tem a função puramente gramatical de estabelecer uma relação de subordinação entre o adjetivo e o seu complemento (cf. (16b)).¹²

- (16) a) A professora é responsável por *que todas as crianças aprendam a ler*.
b) Não estou certa de *que eles cheguem a tempo*.

Em contextos muito precisos é possível omitir também as preposições *em*, *com* ou *por*. Trata-se de um fenómeno limitado a certos tipos de verbos, enquanto a supressão de preposição *de* é bastante frequente e generalizada.

Tal como as orações completivas com a função de complemento de adjetivo, também aquelas com a função de complemento de um nome são geralmente introduzidas por uma preposição e seguem as mesmas regras.¹³ Apresentamos os exemplos equivalentes àqueles acima:

- (17) a) *O seu interesse em que tudo corresse bem* foi notável.
b) Chegaram à conclusão (de) *que a vítima fora assassinada*.

¹² Em diferença das outras preposições, a preposição *de* não é obrigatória em certos contextos e pode ser omitida (p. ex. *Não estou certa que eles cheguem a tempo*., mas **A professora é responsável que todas as crianças aprendam a ler*).

¹³ Temos prestar atenção a um outro tipo de orações dependentes de nomes que são as orações especificativas que não completam o sentido do nome que as seleccionam mas especificam o conteúdo do sintagma nominal do qual dependem. Assim, este tipo de frase funciona como um modificador, e não como argumento do nome, não sendo, portanto, tecnicamente, uma oração completiva. Nota a diferença entre: *A professora tem pena de que os alunos não estejam presentes* e *O facto é que os alunos não estão presentes*. A segunda frase difere da primeira também na estrutura onde a frase especificativa está fora do SN *o facto* especificando-o.

2. SELEÇÃO DO MODO EM ORAÇÕES COMPLETIVAS

Em orações completivas finitas, podem ocorrer os modos indicativo e conjuntivo. O condicional também pode ser selecionado, se a oração completiva descrever uma situação hipotética. O indicativo está especializado na marcação de valores que se podem designar por valores de modalidade epistémica positiva, i.e., ocorre em contextos que expressam a crença de alguém na verdade da frase, enquanto o conjuntivo ocorre em frases associadas a outros valores modais, tradicionalmente considerado como o modo não marcado (Raposo *et al.*, 2013, p. 678). De acordo com Marques (1996), a regra que leva à seleção de um ou outro modo não parece ser ainda clara, como se pode verificar observando as análises e hipóteses disponíveis nos trabalhos desenvolvidos sobre o tema.¹⁴ Baseou a sua análise somente nos fatores semânticos porque, embora as orações sejam sintaticamente idênticas, devido ao modo verbal têm uma interpretação diferente.

Marques propõe uma “hipótese alternativa, assumindo que o modo é uma expressão da modalidade, estando a seleção de modo em orações completivas relacionada com o tipo de atitude a que está associado o verbo matriz” (Marques, 1996, p. 194). Partiu da consideração de seleção de modo por verbos factivos, não factivos e da negação.

Assim, Marques (1996) oferece a conclusão que, no que respeita aos verbos factivos, o indicativo parece marcar a expressão de uma atitude de conhecimento, estando o conjuntivo associado à expressão de uma outra atitude, uma atitude avaliativa. Temos assim, num quadro geral, o indicativo a ser selecionado pelos verbos que expressam as atitudes de conhecimento ou de crença – atitudes epistémicas, a razão por que o indicativo surge como *modo marcado*, sendo o conjuntivo selecionado pelos verbos associados à expressão de um qualquer outra atitude e por isso chamado o *modo complementar*. Propõe também que não existe uma regra

¹⁴ O ponto de vista assertivo na *hipótese de asserção/não asserção*, embora explique alguns aspetos do uso dos modos verbais (indicativo em enunciados que expressam afirmação, conjuntivo com expressões de desejo, ordem incerteza), não explica a seleção do indicativo em frases interrogativas que são enunciados não assertivos, tal como não responde à pergunta se verbos como saber ou descobrir, regentes do indicativo, estão relacionados com a asserção. A segunda hipótese, *dos graus de crença*, onde o indicativo apresenta um grau de crença elevado e o conjuntivo com um grau de crença nulo ou fraco, além de explicar alguns aspetos não cobertos pela primeira hipótese, encontra os obstáculos no facto de existir um número elevado dos verbos que selecionam exclusivamente conjuntivo, além de a sua proposição complemento ser tida como verdadeira. A *hipótese da veracidade*, no fim, propõe o uso do indicativo em casos de a proposição ser verdadeira, sendo o conjuntivo selecionado nos restantes casos. O problema principal desta hipótese são os verbos fativos, como lamentar, cuja seleção do conjuntivo indica a não veracidade, além de a proposição ter sido verdadeira (Marquês, 1996, pp. 192-193).

que leve à seleção de conjuntivo, sendo este modo selecionado quando não ocorre o fator determinante da seleção do indicativo.¹⁵

Na *Gramática do português: volume I* (Raposo *et al.*, 2013, pp.678-681) podemos encontrar a lista dos verbos que regem um modo ou outro. Apresentamo-los aqui de maneira sistemática junto com os exemplos de Raposo *et al.*, *loc. cit.*

O modo *indicativo* ocorre nas orações completivas de:

- 1) Predicados associados à expressão do conhecimento (p. ex. *descobrir, estar consciente de, ignorar, saber, verificar, etc.*)
(18) a) Eu sei que tu *és* através disso.
b) Ele ignora que o evento já *passou*.
- 2) Predicados associados a atos de fala compromissivos (p. ex. *ameaçar, prometer, etc.*)¹⁶
(19) a) Prometo que te *telefone* quando chegar.
b) Ele ameaça que o exame não *foi* adiado.
- 3) Predicados declarativos (p. ex. *avisar, afirmar, dizer, etc.*)
(20) a) A Ana disse que não *chega* hoje.
b) A professora afirmou que não *há* aulas esta semana.
- 4) Predicados que introduzem um cenário imaginário (p. ex. *fingir, imaginar, sonhar, supor, etc.*)
(21) a) Ela sonhou que *estava* nas férias.
b) Suponho que ele *está* o seu irmão.
- 5) Predicados associados à expressão de crença (p. ex. *concluir, pensar, ter a certeza etc.*)
(22) a) A comissão concluiu que *era* culpado.
b) Tenho a certeza que o *vi* ontem!

¹⁵ O que chama a atenção é o conjuntivo com a negação frásica. Essa inferência manifesta-se apenas nos verbos associados a valores de crença, sendo que a negação altera o grau de crença (mais sobre assunto *in* Marques, 1996, pp.198-199).

¹⁶ Os verbos deste grupo são considerados um sub-grupo dos verbos declarativos visto que indicam não propriamente a crença do sujeito na verdade da oração complemento, mas mais um compromisso do sujeito com a realização do estado de coisas descrito por tal proposição (Marques, 1996, p.196).

Em todos estes casos, a oração completiva descreve uma crença, que pode ser apenas do enunciador (no caso do verbo *ignorar*; cf. (18b)), do enunciador e do sujeito da oração principal (no caso de verbos como *descobrir*, *saber* e de locuções verbais como *estar consciente*; cf. (18a)) ou pode ser apenas do sujeito da oração principal¹⁷ (no caso de predicados como os que são indicados em (2)-(5)). Com predicados como *fingir* e *sonhar*, a crença existe apenas em cenários fictícios, ou seja, a oração completiva é apresentada como verdadeira num cenário que não retrata a realidade (Raposo *et al.*, 2013, p.679).

Além dos que são indicados em (1)-(5), há outros predicados não epistémicos que se distinguem destes por indicarem um valor mais fraco da crença. Incluem-se neste grupo predicados como *duvidar* ou *ser possível*, e também verbos declarativos negativos, como *desmentir* ou *negar*. Estes predicados selecionam modo *conjuntivo*.

- (23) a) Duvido que ele *chegue* à festa.
b) É possível que ele me já *tivesse telefonado*.

Há ainda um grupo de predicados epistémicos que admitem o indicativo ou o conjuntivo. É o caso de verbos como *acreditar*, *admitir*, *imaginar*, entre outros, e de nomes como *hipótese*, *ideia* ou *suspeita*.

- (24) a) Acredito que *existiu* vida em Marte.
b) Acredito que *tenha existido* a vida em Marte.
(25) a) A suspeita de que a Ana *estava* doente deixava-o inquieto.
b) A suspeita de que a Ana *estivesse* doente deixava-o inquieto.

Nestes casos, a seleção do modo conjuntivo ou do modo indicativo é acompanhada por uma diferença de interpretação. As frases com indicativo (cf. (24a), (25a)) indicam um valor forte de crença, enquanto as frases com conjuntivo (cf. (24b), (25b)) indicam um grau fraco de crença.

Em orações completivas finitas de predicados não epistémicos, como os que são indicados na lista que se segue, o modo *conjuntivo* é o único possível:

- 1) Predicados associados a valores de obrigação ou permissão (p. ex. *autorizar*, *mandar*, *ordenar*, *pedir*, *sugerir*, etc.)

¹⁷ No caso de orações completivas de nomes, a crença é uma entidade que pode não ser identificada. Por exemplo, na frase *A afirmação de que existe a resolução anula o problema*, a crença é do autor da afirmação que não é identificado (Raposo *et al.*, *loc. cit.*).

- (26) a) Ele mandou que *fizessem* todos os exercícios.
 b) Ela permitiu que se *encontrassem* sozinhos.
- 2) Predicados associados a valores de desejo (p. ex. *desejo, esperar, querer*, etc.)
- (27) a) Não se cumpriu o teu desejo de que *chegassem*.
 b) Espero que te *cures* o mais cedo possível.
- 3) Predicados que expressam uma condição suficiente ou necessária (p. ex. *bastar, fazer com que, impedir, ser necessário, ser suficiente*, etc.)
- (28) a) Basta que *leias* a primeira página para poderes entender o conteúdo.
 b) A sua rápida reação impediu que o carro *ferisse* a menina.
- 4) Predicados que expressam uma avaliação de um facto assumido (*lamentar, ser (des)agradável, ser pena, surpreender*, etc.)
- (29) a) Lamento que se *tenham* zangado.
 b) Tenho pena que *perdessem* uma oportunidade como essa.

Nos exemplos apresentados, as orações completivas de predicados epistémicos com conjuntivo são dadas como podendo ser verdadeiras (cf. (25a,b)) ou falsas (cf. (28a) e (29b)). Assim, contrariamente ao que é defendido por alguns autores e ao que se verifica noutras línguas, em português a seleção do conjuntivo ou indicativo não se prende apenas como o facto de a oração ser ou não ser verdadeira (Raposo *et al.*, 2013, p. 681).

2.1. Subordinação completiva infinitiva: orações subordinadas completivas infinitivas

As orações subordinadas completivas podem ser finitas ou não finitas. Nas primeiras, como já vimos no capítulo anterior, o verbo ocorre no modo indicativo ou no modo conjuntivo (cf. Cap. 2.) e apresenta marcas morfológicas de concordância com o sujeito. Nas segundas, o verbo está no infinitivo.¹⁸

Nas orações finitas, o sujeito tem de ser interpretado como não correferente com o da oração principal (cf. (30a)), enquanto nas orações subordinadas infinitas o sujeito implícito é obrigatoriamente interpretado como correferente com o sujeito da oração principal (cf. (30b)).¹⁹ Veja-se os exemplos:

(30) a) Eu quero *falar com ela*.

b) Eu quero *que fale com ela*.

Quando comparadas com as orações infinitivas, as orações finitas têm uma distribuição mais restrita. Regra geral, se um dado predicator seleciona uma oração completiva finita (cf. (31a)), admite também uma oração infinitiva (cf. (31b)).

(31) a) O atleta disse *que não estava nas melhores condições de saúde*.

b) O atleta disse *não estar nas melhores condições de saúde*.

Contudo, inverso não é verdadeiro. Há verbos que não se combinam com orações de tempo finito, embora possam combinar-se com orações infinitivas.

(32) a) Eles ousaram *responder-lhe*.

b) *Eles ousaram *que lhe respondessem/responderam*.

Há contextos em que o emprego de uma oração infinitiva é inteiramente equivalente ao de uma oração finita. É o caso dos exemplos que se seguem²⁰:

(33) a) Lamento *as crianças estarem cansadas*.

b) Lamento *que as crianças estejam cansadas*.

Porém, os dois tipos de argumento oracional podem veicular os valores diferentes. Comparem-se os seguintes exemplos:

¹⁸ Na maior parte das línguas do mundo, o infinitivo não apresenta marcas morfológicas de concordância, ou seja, é *não flexionado*. O português, no entanto, é uma das poucas línguas em que o infinitivo pode apresentar marcas morfológicas de concordância com o sujeito. Neste caso, estamos em presença do *infinitivo flexionado*. (Raposo *et al.*, *loc. cit.*).

¹⁹ Para saber mais sobre esse tópico veja-se Raposo *et al.*, 2013, (Cap. 36.6.1, p.1859).

²⁰ Note-se que no exemplo (33a) a forma infinitiva é flexionada.

- (34) a) É possível *irmos de férias mais cedo*.
b) É possível *que vamos de férias mais cedo*.

O exemplo (34a) tem duas interpretações: “pode asserir que estão reunidas as condições para irmos para férias mais cedo, i.e., que as circunstâncias externas o permitem, ou que as não é de excluir a hipótese de a ida para férias ser mais cedo”, assim “é veiculada uma atitude epistémica, relacionada com o grau de crença”. O exemplo (34b), por outro lado, possui apenas a segunda asserção. Podemos concluir que “as orações completivas finitas designam objetos de atitude mental e envolvem frequentemente um estado psicológico do plano da cognição, por oposição aos planos de sensação e da percepção puras”. O papel do sujeito das orações completivas de tempo finito é interpretativo, i.e., interpreta a situação descrita na subordinada, assim é um” papel que vai para além do mero registro da realidade” (Raposo *et al.*, 2013, p. 1829).

2.1.1. Estrutura interna e função das orações completivas infinitivas

O que distingue a subordinação completiva finita da infinita é a presença de um elemento introdutor da oração finita, designado *complementador* (ou *conjunção-complementador*).²¹ Os complementadores são: *que*, *se* e *como*. O primeiro introduz orações subordinadas finitas do tipo declarativo (cf. (35a)), o segundo introduz orações subordinadas interrogativas (cf. (35b)) e o terceiro introduz orações subordinadas exclamativas (cf. (35c)). As orações infinitivas não são geralmente introduzidas por um complementador.

- (35) a) A Ana já disse que *vem á reunião*.
b) A Ana não ainda decidiu se *vem á reunião*.
c) Já me disseram como *ela está indecisa*.

A caraterística mais saliente das estruturas infinitivas é a morfologia do verbo que introduz o sintagma verbal, marcada pelo sufixo - r (*dançar*, *ler*, *permitir*). Contrariamente às formas verbais finitas, as formas verbais infinitivas não apresentam variação morfológica de tempo nem de modo (Raposo *et al.*, 2013, p.1903).

²¹ Tradicionalmente também designados *conjunções integrantes*.

Como nas construções finitas, também nas construções infinitivas o predador pode ser um verbo (cf. (36a)), um nome (cf. (36b)) ou um adjetivo (cf. (36c)); (as estruturas infinitivas estão em *itálico* enquanto os predadores que as selecionam estão *sublinhados*):²²

- (36) a) Eles querem *fazer esta viagem*.
b) O medo *de morrer* é muito comum.
c) Foi interessante *ver toda esta gente*.

Nestes exemplos, as estruturas infinitivas são argumentos dos predadores que as selecionam e desempenham uma função gramatical de sujeito (cf. (36b,c)) e de complemento (cf. (36a))²³. Quando a estrutura infinitiva é complemento de um predador nominal ou adjetival, é regida por uma preposição, nestes exemplos, *de*.²⁴

Como já se observou, as orações infinitivas ocorrem normalmente numa relação de subordinação em frases complexas, desempenhando uma variedade de funções na oração subordinante. Mais ou menos, estas funções são as mesmas que podem ser desempenhadas por sintagmas nominais e por orações subordinadas finitas.

²² Para além dos verbos, nomes e adjetivos, também as preposições e os advérbios podem selecionar orações infinitivas como complemento, por exemplo: *Não vou ali sem me dizerem o que é; Lemos o artigo para saber mais sobre assunto*.

²³ As orações completivas infinitivas podem exercer a função de complemento direto e complemento oblíquo preposicionado, mas não existem orações infinitivas com a função de complemento indireto.

²⁴ Para mais detalhes sobre orações infinitivas completivas veja-se Cap. 37 (in Raposo *et al.*, 2013, pp.1901-1977).

3. ORAÇÕES SUBORDINADAS COMPLETIVAS NA LÍNGUA ITALIANA

Tal como na língua portuguesa, também na língua italiana as orações subordinadas completivas (*le proposizioni subordinate complete*) completam o sentido do predicador que as seleciona e funcionam como o seu argumento, chamadas também as orações completivas (*le proposizioni argomentali*). Neste capítulo vamos destacar as características principais das orações completivas em italiano apoiando-nos na *Gramática italiana* de Dardano e Trifone (1996) como a gramática mais relevante da língua italiana, completando-a com exemplos e informações presos da Enciclopédia Treccani que contem as noções mais recentes e detalhados sobre o nosso assunto, disponível online.²⁵

3.1. A classificação das orações completivas na língua italiana

Como em português, as orações completivas em italiano podem desempenhar a função do sujeito ou do objeto distinguindo-se se as orações subjetivas (*le proposizioni soggettive*), das orações objetivas (*le proposizioni oggettive*)²⁶. A gramática referida da língua italiana faz uma classificação das orações completivas no nível semântico, adicionando as orações declarativas (*le proposizioni dichiarative*)²⁷ e as orações interrogativas indiretas (*le proposizioni interrogative indirette*).

A construção de um complementador + um verbo de modo finito (cf. (37a,b)) ou infinitivo (cf. (38a,b)) é característica para ambas as línguas românicas, veja-se os exemplos:²⁸

(37) a) Quero che me diga a verdade.

b) Voglio che mi dica la verità.

(38) a) Esqueci de fazê-lo.

b) Ho dimenticato di farlo.

²⁵ (<http://www.treccani.it/>) A lista completa dos artigos consultados será apresentada na bibliografia.

²⁶ Alguns gramaticas dividem ainda *le proposizioni oggettive* em *oggettive dirette* e *oggettive oblique*, como na língua portuguesa (cf. Robustelli, 2010).

²⁷ Em vez de dizer *declarativas*, talvez seja melhor chama-las as *orações especificativas* (cfr. Comentário 8, p. 10), que, no entanto, em português não pertencem, tecnicamente, à subordinação completiva.

²⁸ Cf. Bach, Brunett e Mastrelli *et al.*, (2008, pp. 304-325) in Robustelli, 2010.

As semelhanças que se encontram entre duas línguas românicas são presentes graças à matriz latina comum que está na base de ambas as línguas. Assim o complementador *que* está substituído pelo *che*, tal como o complementador *de*, que introduz as orações infinitivas, em italiano equivale a *di*. A presença do complementador *de* (*di*) antes de infinitivo representa uma inovação românica ainda não completamente adaptada, o que evidenciam os casos em que a construção *di + infinitivo* é alternada com $\emptyset + infinitivo$ (Bach, Brunet & Mastrelli *et al.*, 2008, p.304 e 325 in Robustelli, 2010).

3.1.1. Orações completivas subjetivas

As orações subjetivas (*le proposizioni soggettive*) desempenham a função do sujeito na frase subordinada (cf. (39b)), em analogia com os sintagmas nominais que tem a mesma função (cf. (39a)).

(39) a) Capita spesso *la pioggia* la domenica.

b) Capita spesso *che piova* la domenica.

Uma oração subjetiva em italiano pode depender de:

1) Verbos impessoais, como *accade*, *avviene*, *bisogna*, *capita*, *conviene*, *ocorre*, *pare*, *resulta*, *sembra* etc. São os verbos do *accadimento* (ocorrência) e os verbos que indicam algo evidente.

(40) a) Accade talvolta *che anche i partiti manifestino indifferenza*.

b) Raramente avviene *che si vedano le stelle cadenti*.

2) Verbos transitivos na forma impessoal (*si* + terceira pessoa singular): *si dice*, *si crede*, *si narra*, *si spera*, *si pensa* etc. Trata-se dos verbos da opinião ou esperança usados na forma passiva.

(41) a) Si dice *che l'obbiettivo sia raggiunto*.

b) Si temeva *che i deputati si opponessero alla procedura*.

3) Expressões impessoais formadas pelo verbo ser (*essere*) mais um adjetivo (*è bello*, *è certo*, *è vero*), um advérbio (*è bene*, *è male*) ou um substantivo (*è ora*, *è tempo*, *è il caso*, *è una noia*).²⁹

²⁹ Podem ser também introduzidas pelas estruturas deste tipo: *il fatto (è) che*, *può darsi che*, *che* etc.

- (42) a) È bello *che sia così*.
b) È tempo *che si migliorino le cose*.

4) Introduzem a oração subjetiva também os verbos psicológicos que exprimem a reação de um experiente em relação a uma ação: *allarmare, divertire, interessare, disturbare, appassionare* etc. (Fiorentino, 2011).

As orações subjetivas finitas em italiano têm o verbo no indicativo, conjuntivo e no condicional. A escolha entre modos depende do tipo de verbo, do tempo em que a frase está enunciada e de tipo do caráter do conteúdo, assim o modo indicativo exprime um conteúdo real e certo, o conjuntivo um conteúdo hipotético, não real e o condicional uma possibilidade ou eventualidade.

Geralmente, o modo conjuntivo está usado com os verbos impessoais, verbos de necessidade (*bisogna, occorre*), verbos psicológicos e na maioria dos casos com o verbo copulativo seguidos por um nome ou um adjetivo, enquanto o indicativo está após os verbos que indicam uma certeza (*si sa, risulta, si afferma*) ou com os verbos copulativos formados de um adjetivo ou nome de semântica certa (*è chiaro, è evidente, è certo*).

3.1.2. Orações completivas objetivas

As orações objetivas (*le proposizioni oggettive*) desempenham a função do complemento de objeto na oração subordinada. Podem ser introduzidas pelos verbos transitivos ou em alguns casos por adjetivos (*lieto, capace*) e nomes (*la gioia, la fretta*). Tal como as orações completivas de sujeito, também as orações completivas de objeto são introduzidas pelo complementador *che* (que, cf. (43a)) e num número restrito dos casos *si* há o complementador *come* (como, cf. (43b)).

- (43) a) Ti dico che *è la verità*.
b) Mi raccontò come *la città è cresciuta*.

A maioria das orações objetivas é introduzida pelos verbos que pertencem a uma esfera de atividade percetiva, cognitiva e do género psicológico, tal como no caso da língua portuguesa. São os verbos:

- 1) De significado afirmativo, declarativo: *dire, affermare, dichiarare, informare, comunicare, narrare, raccontare, negare, confessare, giurare, promettere*,

annunciare, scrivere, como também as locuções verbais do mesmo significado como *dare notizia, comunicazione*.

(44) Giovanni racconta *che sua sorella si è sposata*.

2) Verbos que indicam uma percepção ou uma lembrança como *vedere, udire, sentire, ascoltare, percepire, accorgersi, ricordare, dimenticare* e locuções de mesmo tipo, como *avere l'impressione, venire alla mente*.

(45) Giovanni si accorse *che lo odiavano tutti*.

3) Verbos que exprimem um julgamento, uma opinião, uma dúvida: *pensare, credere, stimare, ritenere, giudicare, prevedere, sapere, sostenere, dubitare, supporre, sospettare* e equivalentes locuções como *essere dell'idea, avere la convinzione, il dubbio, il sospetto*.³⁰

(46) Giovanni prevede *che sarà promosso*.

4) Verbos que exprimem uma vontade, um desejo, um comando ou um medo: *volere, desiderare, sperare, preferire, ordinare, comandare, permettere, impedire, proibire, temere*, e locuções verbais como *avere desiderio, paura*.

(47) Giovanni ordina *che tutti escano dalla stanza*.

5) Verbos que indicam um sentimento ou uma emoção: *godere, rallegrarsi, meravigliarsi, lamentarsi, vergognarsi* e locuções como *essere lieto, avere piacere, meraviglia*.

(48) Giovanni si rallegra *che mi abbia vista*.

A distribuição dos modos verbais não sempre depende do enunciado ser certo ou não, mas geralmente o conjuntivo está presente na língua escrita, enquanto o modo indicativo frequentemente está presente na língua falada. Na língua formal, o uso do conjuntivo ocorre após os verbos que indicam uma vontade, um desejo, um opinião ou um sentimento, enquanto os verbos de julgamento e da percepção introduzem o modo indicativo. Porém, há muitos casos em que o uso do modo pode alterar, mudando também o significado do verbo, cf. os exemplos acima:

³⁰ Na língua italiana contemporânea, a seleção do modo nas orações objetivas após dos verbos da opinião pode ser opcional, porém, casos nos quais é utilizado indicativo em vez de conjuntivo indicam um registro coloquial, diafasicamente mais baixo.

- (49) a) Ammetto *che mi sono sbagliato*.
b) I suoi genitori ammettono *che lui si comporti così*.

No caso do exemplo (49a), onde o modo da oração subordinada é o indicativo, o verbo *ammettere* (admitir) tem o sentido de “reconhecer”, enquanto no exemplo (49b), onde está o conjuntivo, o mesmo verbo está para dizer “permitir, tolerar”.

Há alguns casos das orações objetivas finitas onde é possível omitir a conjunção *che*, que não é o caso da língua portuguesa (além da língua escrita, formal). O caso mais frequente é quando o verbo está no conjuntivo e refere-se a terceira pessoa do singular (cf. (50)).

- (50) Spero Ø *sai andato tutto per il meglio*.

3.1.3. Orações completivas declarativas

As orações declarativas (*le proposizioni dichiarative*) não completam, mas explicam e especificam um elemento da oração regente. O seu papel é determinar e tornar mais claro um termo precedente, sendo a expansão não de um sintagma verbal, mas de um sintagma nominal (De Roberto, 2010). Veja-se os exemplos:

- (51) a) Devi dire questo, *che io gli ho scritto come lui mi há detto*.
b) Devi dire *che gli ho scritto come lui mi há detto*.

No exemplo (51a), uma oração *dichiarativa* constitui uma expansão, fazendo um adiamento catafórico. Aquele elemento pode desempenhar a função do sujeito, de objeto direto ou objeto oblíquo. Geralmente estas orações explicam um pronome demonstrativo, completando o sentido da oração principal, porém, as vezes o demonstrativo falta e o elemento regente da oração subordinada é o substantivo (cf. (52)).

- (52) Il fatto *che siamo tutti qui testimonia il nostro affetto per te*.

Como já foi dito, este tipo de frases pode ser considerado uma variante das orações subjetivas ou objetivas e na língua portuguesa corresponderiam às orações copulativas especificativas, que funcionam como modificadores, distinguindo-se das orações completivas por não completar mas especificar o conteúdo nominal que o introduz.³¹

³¹ Cf. Raposo *et al.*, 2013, Cap. 36.7.3.1, pp. 1879-1885.

3.1.4. Orações completivas interrogativas indiretas

As orações interrogativas indiretas (*le interrogative indirette*) são as orações subordinadas que têm a forma de uma pergunta que não é autónoma e depende de um verbo (cf. (53a)), um adjetivo (cf. (53b)) ou um nome (cf. (53c)). Pode referir-se a um tempo ou espaço diferente de aquele em qual foi formulada (Fava, 2001, p. 698 in Patota, 2010).

- (53) a) Le ho chiesto *quanti anni aveva*.
b) Ero incerto *su quanti anni avesse*.
c) Alla mia domanda *su quanti anni avesse* non rispose.

Geralmente, as interrogativas indiretas não correspondem a um ato de pergunta, mas sim ao relatório dela. São introduzidas pelos pronomes e conjunções interrogativos (*chi, quale, che cosa, quanto, quando, dove, perche, come, se* etc) e não preveem uma resposta. Os verbos que as introduzem têm revocação a significado de uma pergunta (*domandare, chiedere*), de uma dúvida (*dubitare, esitare*) ou simplesmente têm o significado dos verbos como dizer, perceber, conhecer etc. (*dire, indicare, vedere, sapere*).

A língua portuguesa tem um sistema muito semelhante de classificação das frases interrogativas enquanto tipo gramatical, porém no âmbito das orações completivas, podem se encontrar sob as orações objetivas onde são designadas como “orações completivas objetivas de tipo interrogativo”.³²

3.2. Seleção do modo verbal nas orações completivas em italiano

A língua italiana, tal como a língua portuguesa, contém três modos verbais, o indicativo (*il modo indicativo*), o conjuntivo (*il modo congiuntivo*) e o condicional (*il condizionale*). Como o nosso trabalho trata o modo indicativo e conjuntivo, apresentamos brevemente os tipos dos verbos que selecionam um ou outro modo na subordinação completiva em italiano para termos uma visão mais clara sobre as diferenças ou semelhanças entre duas línguas que analisamos (os exemplos são retirados da Enciclopédia Treccani, disponível online).

³² Cf. Raposo *et al.*, 2013, p. 1873.

Segundo Telve (2011), distinguem-se dois contextos através dos quais se selecionam o modo na língua italiana, dependendo do tipo de verbo da oração principal. Um é o contexto volitivo e dubitativo (onde o evento expresso é dominado pela incerteza) e outro é o contexto fativo (onde o evento expresso é pressuposto como verdadeiro).

O modo conjuntivo é selecionado nos contextos volitivos, introduzido por:

- 1) Verbos como *bisognare, bastare, importare, occorrere, volerci*, que introduzem as orações subjetivas:

(54) Bisogna che vi *sbrighiate*.

- 2) Verbos como *volere, chiedere, ordinare etc.*, que introduzem as orações objetivas:

(55) Voglio che tu *te ne vada*.

- 3) Predicados que contem adjetivos ou nomes correspondentes como *importante, indispensabile, necessario* nas subjetivas (cf. (56a)) e *bisogno, consiglio, desiderio, intenzione* etc. em objetivas (cf. (56b)).

(56) a) È importante che tu *venga*.

b) Ho bisogno che qualcuno *mi aiuti*.

Quanto aos contextos dubitativos-avaliativo, o conjuntivo se apresenta após:

- 4) verbos como *parere, sembrare, succedere* (cf. (57a)), *dubitare, credere, pensare, presumere* (cf. (60b)), especialmente se não há o complementador (cf. (57c))

(57) a) Pare che *se ne sia andato*.

b) Dubito che *arrivi* in tempo.

c) Credo *siano* i cittadini a decidere.

Nos contextos epistémicos, ou seja quando se exprime a suposição do falante, o uso do modo é parcialmente relacionado à expressão lexical de que depende. Assim o conjuntivo se combina com os adjetivos que indicam possibilidade ou probabilidade (*facile, possibile*,

presumibile, probabile), enquanto os que indicam uma certeza selecionam o modo indicativo, se não forem negados (*certo, convinto, chiaro, evidente, ovvio, sicuro*).³³

Existe um grande número dos exemplos onde a escolha é facultativa, além de o modo conjuntivo sempre ser ligado aos registros mais altos, e o indicativo àqueles mais baixos. É o caso de:

- 1) Nomes e adjetivos fortemente fatuais (*fatto, notizia, certezza; convinto, sicuro, certo*)
- 2) Verbos, nomes e adjetivos psicológicos, que exprimem um estado mental, i.e., um fato (*dispiacersi, sorprendersi, spaventarsi*)

(58) Mi dispiace che *non sia/sei venuto*.

- 3) Com nomes que exprimem um sentimento ou uma emoção como *peccato, piacere, fortuna, vergogna* e adjetivos como *contento, felice, orgoglioso, soddisfatto*

(59) a) È un peccato che *abbia/ha piovuto*.

b) Sono contento che *sia/sei venuto*.

O indicativo tende a substituir o conjuntivo após os verbos declarativos como *raccontare, notare, osservare, spiegare, dire* com os quais o falante se limita a expor os fatos e retomar as palavras de outros. O uso do indicativo é favorecido ao negar uma dúvida (*non dubito che*) ou quanto um verbo avaliativo introduz um verbo volitivo (*credo che bisogna*).

Em geral, nas orações completivas o conjuntivo é mais presente nas orações introduzidas pelos verbos de desejo e menos pelos verbos declarativos. Portanto, o modo indicativo está reservado para os contextos de alto nível da factividade e certeza, enquanto o conjuntivo está usado nos contextos mais fracos e mais incertos.

3.3. Subordinação completiva infinitiva

Na língua italiana, as formas finitas são designadas de *le forme esplicite* (do lat. “explicitus” que significa *aberto*) e o verbo da oração subordinada está no modo finito, ou

³³ Segundo Serianni (1989, p. 555; in Robustelli, 2010), o uso do indicativo em vez do conjuntivo depende também da homonímia das três formas singulares do conjuntivo presente na língua italiana. Neste caso, o conjuntivo é usado para a terceira pessoa e o indicativo para a segunda, seja para evitar a ambiguidade das formas seja para não dever exprimir o pronome sujeito (p. ex. *credo che sia* e *credo che (tu) sei*).

seja indicativo, conjuntivo ou condicional (cf. (60a)). As formas infinitivas chamam-se *le forme implicite* (do lat. “*implicitus*” que significa *fechado*) e o verbo da oração subordinada está no infinitivo, gerúndio ou particípio (cf. (60b)).

(60) a) Credo che *abbia ragione*.

b) Credo di *avere ragione*.

Como em português, também as orações infinitivas de italiano estão introduzidas pelo complementador *di* (de) que pode, ou não, ser omitido (cf. (61)).³⁴

(61) Mi dispiace (di) *importunarla a quest'ora*.

Na maioria dos casos, para haver uma oração subordinada infinitiva, é preciso que os dois sujeitos, o da oração principal e o da oração subordinada, correspondam. Neste caso é possível transformar uma oração finita numa infinitiva, no caso contrário a transformação não é possível.

Todas as orações subordinadas completivas da língua italiana, *le proposizioni soggettive* (cf. (62a)), *oggettive* (cf. (62b)), *dichiarative* (cf. (62c)) e *interrogative indirette* (cf. (62d)), podem aparecer nas formas infinitivas.

(62) a) Si spera *di ritrovargli*.

b) Ritengo *di aver agito correttamente*.

c) Il fatto *di essere tutti qui testimonia il nostro affetto per te*.

d) Si chiede *dove andare*.

³⁴ Há outras preposições e conjunções que servem como complementador nas orações infinitivas, como por exemplo *se* e *a* (*È in dubbio se restare; Non so a chi rivolgermi*).

4. PORTUGUÊS E ITALIANO EM CONTRASTE

Nesta parte do trabalho vamos analisar a estrutura das orações completivas e a distribuição dos modos verbais infinitivo e conjuntivo numa perspectiva contrastiva. Mais precisamente, basear-nos-emos nos princípios gramáticas apresentados na primeira parte e faremos uma análise comparativa das orações completivas em português e italiano.

Os exemplos das frases serão extraídos de um corpus paralelo bilingue para o par português-italiano, constituído pelo livro *Ensaio sobre a Cegueira*, escrito em português por José Saramago (1995) e a sua tradução para italiano (adaptação da tradução feita por Rita Desti (2010)). Assim, em primeiro lugar, serão observados os modos verbais nas completivas finitas (em português e italiano) em relação à descrição existente nas gramáticas do português e italiano. Também vamos observar a ocorrência das formas infinitivas das frases completivas em português e italiano.

A seleção das frases para serem observadas na análise a seguir foi definida pelos seguintes três critérios que exigem:

- 1) consideração unicamente das frases complexas com orações completivas,
- 2) consideração somente dos modos verbais, sem levarmos em consideração a categoria de tempo,
- 3) presença dos elementos da subordinação finita e não-finita nas orações completivas.

O objetivo da análise é mostrar as diferenças principais entre a estrutura das frases completivas em português e italiano, tal como as diferenças na distribuição do modo verbal e formas finitas e infinitivas.

5. ANÁLISE DA ESTRUTURA DAS ORAÇÕES COMPLETIVAS EM ITALIANO E PORTUGUÊS

Nesta parte do trabalho pretendemos observar a estrutura das orações completivas em português e italiano no que diz respeito às características seguintes: 1) a forma finita / não-finita e 2) a seleção do modo verbal.

ESTRUTURA FINITA

5.1. Subordinação completiva finita: o verbo da oração completiva no modo indicativo

Vamos apresentar os exemplos tirados do corpus que na língua de origem contêm a oração subordinada completiva finita com o indicativo como modo verbal, desde que se trata dos predicados que designam valores de modalidade epistémica positiva. Será analisada a relação entre as orações finitas de português e os equivalentes italianos, muitas vezes de forma infinitiva que ocorre no corpus com muita frequência. (Os predicados vão estar sublinhados enquanto a oração completiva estará no itálico).

1) O predicado da oração principal associado à expressão do conhecimento

(63) a) Sei *que aí estás...*

b) Sabia bem *que não podia permitir-se...*

c) Primeiro percebeu *que tinha deixado de ver as mãos,...*

a') Lo so *che ci sei,...*

b') ...sapeva *bene di non potersi permettere...*

c') Prima capì *di non vedere più le mani,...*

Dos exemplos apresentados podemos notar que, enquanto todas as orações do primeiro grupo estão no modo indicativo e apresentam a subordinação finita, dois dos exemplos em italiano (cf. (63b',c')) têm as orações completivas na forma infinitiva, evitando nesta maneira o uso dos tempos e modos verbais. Os predicados do segundo grupo correspondem aos do

primeiro e pertencem ao mesmo grupo dos verbos,³⁵ os quais em ambas as línguas introduzem uma oração objetiva. Todos os verbos regentes deste grupo, em italiano, podem seleccionar tanto o modo conjuntivo quanto o modo indicativo, que, por estar seleccionado nos exemplos, exprime um nível de conhecimento mais forte. Em português, os verbos *saber* e *perceber* regem exclusivamente o indicativo.

2) O predicado da oração principal associado a atos de fala compromissivos

(64) a) Prometeu a si mesma *que falaria destes delicados assuntos...*

b) ...já decidiram *que vão começar...*

a') Si ripromise *di parlare di questi delicati argomenti...*

b') ...hanno già deciso *che cominceranno...*

Nas frases (cf. (64a,b e b')) trata-se da subordinação finita enquanto a frase (cf. (64b')) apresenta a subordinação infinitiva. Os verbos das orações principais são iguais em ambas as línguas, porém, este tipo dos verbos na língua portuguesa rege o indicativo, enquanto em italiano podem ocorrer ambos os modos. Observe-se que no exemplo (cf. (64a)) a informação da oração completiva está no condicional devido à dependência temporal, o que foi substituído pelo infinitivo na correspondente frase italiana.³⁶ De novo os exemplos apresentam as orações objetivas.

3) O predicado da oração principal pertence ao grupo dos verbos declarativos

(65) a) Tinhas-me dito *que o carro estava na rua...*

b) O cego explicou *que estando dentro do carro, à espera de que o sinal vermelho mudasse, tinha ficado subitamente sem ver...*

c) O cego afirmara categoricamente *que via...*

d) ...avisa-se *que a comida foi posta à entrada...*

a') Mi avevi detto *che la macchina era nella strada...*

b') Il cieco spiegò *che, mentre era in macchina, in attesa che il rosso cambiasse, improvvisamente si era ritrovato incapace di vedere*

³⁵ O verbo *perceber* do exemplo (63c) foi traduzido por verbo *capire* em italiano (cf. 63c'), que seria *compreender* em português, mas ambos pertencem ao mesmo campo dos verbos que exprimem conhecimento de algo ou alguma coisa.

³⁶ Para falar das ações futuros enquanto em passado, usa-se o condicional, na língua portuguesa tal como na língua italiana.

c') Il cieco aveva affermato categoricamente *di vedere*...

d') ...si avvisa *che il cibo è stato depositato all'ingresso*...

Nos casos em (cf. (65a,b,c,d e a',b',d')) é apresentada a subordinação finita em ambas as línguas, enquanto o único exemplo que demonstra a forma infinitiva é o exemplo (cf. (65c')). Os predicados equivalentes do italiano correspondem ao original e não há nenhum outro afastamento da forma originária. Tratando-se dos verbos declarativos, as orações subordinadas são de complemento objeto, tanto em português quanto em italiano. Como afirmam o que é dito, o modo usado de preferência é indicativo, enquanto o conjuntivo está reservado para as orações de expressão negativa.

4) O predicado da oração principal introduz um cenário imaginário

(66) a) ...sonhou *que estava a jogar o jogo do E*...

b) Fingiu *que dormia*...

c) Suponho *que o pequeno sofre de estrabismo*...

d) ...e logo imagina *que o lume está mesmo ao lado dele*...

a') sognò *di giocare al gioco del E*...

b') Finse *di dormire ancora quando*...

c') Suppongo *che il piccolo abbia uno strabismo*...

d') ...e subito s'immagina *di avere il fuoco proprio accanto*,...

Todos os exemplos da primeira parte (cf. 66a,b,c,d)) ilustram a subordinação finita cujos verbos estão no indicativo, enquanto no segundo grupo estão 3 frases infinitivas (cf. (66',b' e d')) e uma que apresenta o modo conjuntivo na oração subordinada. A escolha dos verbos não mudou, mas estes exemplos mostram que o mesmo grupo dos verbos não rege o mesmo modo verbal na língua portuguesa e italiana. Além de introduzirem o mesmo tipo das orações, as orações objetivas, na língua portuguesa, os verbos deste grupo introduzem o modo indicativo por serem verdadeiros “em cenários fictícios; ou seja, a oração completiva é apresentada como verdadeira num cenário que não retrata a realidade” (Raposo *et al.*, 2013, p. 679), enquanto a língua italiana, de uma perspectiva real, os considera como julgamento subjetivo que precisa do conjuntivo.

5) O predicado da oração principal associado à expressão da crença

(67) a) O cego sentiu *que o tomavam pelo braço*,...

b) ...que parece *que estou com medo do os abrir*,...

- c) Acha *que tem alguma coisa a ver com o cérebro*,...
- d) ...não há dúvida *de que o homem está mesmo cego*,...
- a') Il cieco sentì *prendere per il braccio*...
- b') ...quasi *avessi paura di aprirli*...
- c') Pensa *ci sia qualcosa a che vedere con il cervello*,...
- d') ...non c'è dubbio *che l'uomo è cieco*,...

As frases (cf. (67a,c,d e a',c',d')) têm a função de complemento objeto em ambas as línguas, introduzidas pelos verbos de percepção (cf. (67a e a')) e verbos que exprimem crença (cf. (67c e c')), como também de um substantivo de descrença (cf. (67d e d')), que, sendo negado, passou a exprimir um grau elevado da crença, possibilitando assim o uso do indicativo. A oração (cf. (67b)) tem a função do sujeito introduzido por um verbo existencial, que, porém, na frase italiana equivalente foi substituído por uma oração subordinada adverbial (cf. (67d')). Na oração (cf. (67a')), o indicativo da oração portuguesa equivale a infinitivo, enquanto o indicativo da oração (cf. 67c)) equivale a conjuntivo (cf. (67c')), o que é exemplo mencionado das orações objetivas que podem omitir o complementador *che* (cf. Cap. 3.1.2., p. 25). Falando do modo verbal, nota-se que os verbos do julgamento mostram a distribuição diferente dos modos verbais, não sempre dependendo de grau de crença (cf. (67c e c')).

5.2. Subordinação completiva finita: o verbo da oração completiva no modo conjuntivo

Dos exemplos a seguir vamos deduzir como é que se comportam as orações completivas na língua italiana comparadas com as orações equivalentes da língua portuguesa, onde o verbo principal rege o modo conjuntivo e assim forma a subordinação finita. Vamos analisar o tipo dos predicados nas correspondentes línguas tal como as formas e tipos das frases.

1) O predicado da oração principal associado a valores de obrigação ou permissão

- (68) a) ...só pedia *que o encaminhassem* ...
- b) ...mandavam *que a sua participação do que estava a acontecer fosse feita directamente*...
- c) ...pediu-lhe *que ligasse o rádio*...

a') ...chiedeva solo di essere accompagnato...

b') ...dettavano che la comunicazione di quanto stava accadendo fosse fatta direttamente...

c') ...lo pregò di accendere la radio...

Os exemplos (cf. (68a' e c')) permitem-nos reparar que também no caso do modo conjuntivo e subordinação finita na língua original (cf. (68a e c)) é possível haver a forma infinitiva na segunda língua em questão. Quanto aos verbos na versão italiana, trata-se dos sinónimos muito próximos,³⁷ também eles pertencentes ao grupo dos verbos da obrigação ou permissão. Em ambas as línguas este tipo dos verbos introduz uma oração objetiva, que é o caso dos nossos exemplos, e regem o modo conjuntivo (cf. (68a,b,c,b')) que foi evitado nas orações correspondentes de italiano através das formas infinitivas.

2) O predicado da oração principal associado a valores de desejo

(69) a) Desejava que a noite não acabasse...

b) ...queria que chegasse rapidamente a luz do dia,...

c) O Governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever.

a') Desiderava che la notte non finisse...

b') ... voleva che giungesse rapidamente la luce del giorno,...

c') Il Governo e la Nazione si aspettano che ciascuno compia il proprio dovere.

Todos os exemplos apresentados nesta parte seguem a forma da língua originária, assim também nas orações italianas temos o modo conjuntivo introduzido pelo complementador *che*, marcador da subordinação finita. Ambas as línguas usam o modo conjuntivo com os verbos volitivos, que introduzem uma oração objetiva.

3) O predicado da oração principal expressa uma condição suficiente ou necessária

(70) a) ...bastava que algum deles o mandasse parar,...

b) ...o que é preciso é que não saiam de lá.

a') ...bastava que uno di loro lo fermasse,...

b') ...bisogna però che non escano.

³⁷ No caso do *pedir/chiedere* e *mandar/dettare*.

Este grupo dos verbos introduz as orações subjetivas tanto na língua portuguesa (cf. (70a,b)) quanto na língua italiana (cf. (70a',b')). O modo usado após deles é o conjuntivo, o que é evidente em todos os exemplos.

4) O predicado da oração principal expressa uma avaliação de um facto assumido

(71) a) Estranhou *que continuassem parados*,...

b) ...como é natural *que lhe suceda*...

c) Também não surpreenderá *que busquem todos estar juntos o mais possível*...

a') Si stupì *che fossero ancora fermi*,...

b') ...com'è naturale *che succeda*...

c') Come del resto non c'è da sorprendersi *che cerchino tutti di stare il più possibile uniti*,...

Notamos que os exemplos aqui apresentados mostram a forma finita tanto na forma original quanto nos exemplos equivalentes da língua italiana, preservando o conjuntivo como o modo da oração subordinada completiva e usando o mesmo tipo de predicados que o tinham regido. No terceiro exemplo (cf. (71c e c')) podemos observar a negação frásica que, porém, não mudou o valor factivo da expressão que continuou a introduzir o conjuntivo.³⁸ Este tipo dos verbos, ou seja expressões impessoais, pode introduzir tanto as orações subjetivas (cf. (71b, b')) quanto as orações objetivas (cf. (71a,a')).

Observa-se que a subordinação completiva finita em português coincide em muitos elementos com a do italiano. Mostram-se, na maioria dos casos, formas, estruturas e verbos regentes muito semelhantes, com alguns afastamentos enquanto o complementador omitido (cf. (67c')). O que difere mais é a distribuição do modo verbal, onde, podemos dizer, prevalece o uso do modo conjuntivo nas orações completivas do italiano, ou seja, o âmbito reservado somente para o indicativo na língua portuguesa, na língua italiana leva em consideração também o modo conjuntivo. Quanto às formas infinitivas, muitas delas servem como a substituição do modo conjuntivo (cf. (64a'), (65c'), (68c')), mas nem sempre é assim. Na parte seguinte da análise vamos observa-las mais detalhadamente.

³⁸ A diferença do exemplo (cf. (70d e d')) com o verbo *duvidar*

ESTRUTURA NÃO-FINITA

Na segunda parte apresentamos as orações subordinadas completivas na forma infinitiva do texto original e comparamo-las com frases da língua italiana correspondente para vermos as diferenças ou semelhanças entre o uso dos modos e tempos verbais, tal como na estrutura das frases que muito mais frequentemente consiste em omissão dos marcadores da subordinação infinitiva. O que é importante para que a forma infinitiva seja possível é correferência entre o sujeito da frase principal e o da frase subordinada. Esta regra vale em ambas as línguas.

Como se trata duma análise entre duas línguas, não é possível prever qual seria a forma usada na frase correspondente e assim é inevitável que as duas formas, finita e infinitiva, se encontrem juntamente, na primeira ou na segunda parte.

5.3. Subordinação completiva infinitiva: o verbo da oração completiva no infinitivo (parte I)

Os exemplos a seguir vão ilustrar-nos como se comportam as frases infinitivas, quando o infinitivo é usado em vez do verbo no modo indicativo. Também poderíamos observar as diferenças ou semelhanças que se atribuem nas correspondentes orações italianas. Vamos apresentar a mesma lista dos verbos que tínhamos usado nos exemplos anteriores, para mostrar o uso dos modos verbais nas orações completivas.

1) O predicado da oração principal associado à expressão do conhecimento

- (72) a) ...viu o marido *levantar-se*...
- b) ...só os vejo *andarem por aí*...
- c) Mas eu ouvi-te *dizer*...
- a') ...vide *il marito alzarsi*...
- b') ...li vedo *solo aggirarsi in cerca di*...
- c') Ma ti ho sentito *dire che vedevi*...

Os exemplos acima mostram a igualdade no que respeita a forma verbal, o uso do infinitivo em vez do indicativo, porém, sem elemento que introduzia a subordinação infinitiva, ou seja a preposição *de* ou *di*. Português distingue 2 tipos dos infinitivos, o impessoal (não flexionado) e o pessoal (flexionado), usado na oração (cf. (72b)), enquanto o

italiano conhece só uma forma não flexionada do infinitivo, que, portanto, pode equivaler ao infinitivo flexionado do português (cf. (72b')). As frases apresentadas são todas do tipo objetivo.

2) O predicado da oração principal associado a atos de fala compromissivos

- (73) a) ...decidiu *usar as mãos*...
- b) ...havam decidido, por unanimidade, *não acatar*...
- c) ...a mulher do medico decidiu *avancar*...
- a') ...decise *di usare le mani*...
- b') ...avevano deciso, all'unanimità, *di non accogliere*...
- c') ...la moglie del medico decise *di avanzare*.

A forma infinitiva está presente em todos os exemplos, tal como o verbo *decidir*, que na língua portuguesa não precisa da preposição como ligação entre o verbo que segue, ao contrário do correspondente verbo italiano. Sendo regidas pelo mesmo verbo, todas as orações deste grupo são objetivas.

3) O predicado da oração principal pertence ao grupo dos verbos declarativos

- (74) a) Que eu me gabava *de não usar óculos*...
- b) Este que disse *ser polícia*...
- c) Não se lembrava *de ter posto ali*,...
- a') E io che mi vantavo *addirittura di non usare gli occhiali*,...
- b') ...quest'uomo che ha dichiarato *di essere un poliziotto*...
- c') Non ricordava *di averle messe*...

A primeira coisa que podemos notar nos exemplos deste grupo é que todos estão na forma infinitiva e têm a mesma forma e estrutura das frases em ambas as línguas. O verbo do exemplo (cf. (74b')) é sinónimo do verbo utilizado na frase (cf. (74b)), que não influenciaria o uso do modo verbal se a frase estivesse na forma finita. Uma outra coisa que se nota no exemplo mencionado é a supressão da preposição complementador *de* entre o verbo principal e o verbo da oração completiva. A preposição seria desprovida de significado e teria uma função puramente gramatical (cf. (74b')), ao contrário do resto dos exemplos onde aparece (cf.

(74a,c,a' e c')).³⁹ Estas orações infinitivas têm o papel do complemento oblíquo preposicionado na língua portuguesa, e complemento objeto indireto enquanto na língua italiana. Nos exemplos (cf. (74b,b')) a função da oração infinitiva é do complemento direto em ambas as línguas.

4) O predicado da oração principal introduz um cenário imaginário

(75) a) ...enquanto fingia andar à procura...

b) ...já bastava fingir ter-se perdido...

a') ...disse fingendo di andare in cerca...

b') ...bastava già l'aver finto di essersi perduta.

Como nos exemplos anteriores, também neste grupo as frases estão todas na forma infinitiva e o verbo *fingir* aparece em todos os exemplos, só que na língua portuguesa não precisa da preposição como na língua italiana. A primeira oração desempenha a função de objeto (cf. (75a)), enquanto a segunda de sujeito em ambas as línguas. A correspondente frase em italiano (cf. (75a')) é uma oração adverbial (infinitiva) que introduz uma oração infinitiva de complemento direto.

5) O predicado da oração principal associado à expressão da crença

(76) a) O mais certo foi ter-se ele esquecido,...

b) ...mas nenhum deles, nem ela própria, acharam prudente insistir na reclamação,...

c) ...pareciam ver...

d) ...julgou ter encontrado a solução,...

e) Pareceu-lhe notar que a perna...

a') Sicuramente se n'è dimenticato,...

b') ...ma nessuno, e neanche lei, ritenne prudente insistere nel reclamo,...

c') ... sembrava che vedessero...

d') ... ritenne di aver trovato la soluzione,...

e') Gli parve di notare che la gamba...

³⁹ Quando as preposições têm um contributo semântico significativo, não são geralmente suprimidas, por exemplo: *Já me habituei a que se vive nesta maneira* e **Já me habituei que se vive nesta maneira*.

São várias as coisas que podemos notar neste grupo dos exemplos sendo o modo selecionado na frase subordinada diferente, além de se tratar do mesmo verbo regente em ambas as línguas. Na primeira frase (cf. (76a)) trata-se de uma oração completiva que é introduzida pelo adjetivo e verbo copulativo *ser* que na frase correspondente em italiano (cf. (76a')) foi substituído pelo advérbio (sublinhado) e deixou nesta maneira de se tratar de uma frase complexa. Na frase (cf. (76c')) podemos notar o uso do conjuntivo em vez do infinitivo no exemplo equivalente (cf. (76c)). O mesmo seria nos restantes exemplos, se não for pela forma infinitiva que permitiu evitar o uso do conjuntivo (cf. (76b, d,e,b',d' e e')).⁴⁰ Quanto ao tipo de função que desempenham, as orações equivalentes italianas são de mesmo tipo como as portuguesas (exacto (76a')), assim as frases (cf. (76a,c,e e c',e')) têm a função do sujeito e frases (cf. (76b, d, b'e d')) a função do objeto. A única oração completiva de tipo finito é a oração italiana (cf. (76c')).

5.4. Subordinação completiva infinitiva: o verbo da oração completiva no infinitivo (parte II)

O último capítulo está dedicado às orações completivas cujo verbo, em vez de estar no modo conjuntivo, passa para uma forma infinitiva e o conjuntivo é substituído pelo infinitivo. Como no capítulo anterior, vamos comparar os seus comportamentos com as orações equivalentes da língua italiana, destacando as diferenças principais em relação à forma, tipo e modo da oração.

1) O predicado da oração principal associado a valores de obrigação ou permissão

(77) a) ...depois mando-o *buscar aí...*

b) Vamos ser obrigados *a pôr lá pessoal...*

c) Obrigaram-nos *a viver juntos...*

a') ...poi la manderò *a prendere...*

b') Saremo obbligati *a mettere del personale...*

c') ...ci hanno costretto *a vivere insieme,...*

Com os verbos associados às valores acima destacados é usado o modo conjuntivo, neste caso, porém, substituído pelo infinitivo, tanto em italiano como em português. Na segunda

⁴⁰ Verbos como *achar*, *julgar* e *parecer* (ou seja *ritenere* e *parere* na versão italiana) introduzem o modo conjuntivo na língua italiana e ilustram a falta da crença, ao contrário à língua portuguesa.

frase (cf. (77b e b')) tinha-se mantido o adjetivo como elemento introdutório da oração completiva. Os exemplos (cf. (77b,c)) contém a oração infinitiva de objeto oblíquo que se mantém também em italiano, sob a função de objeto (cf. (77b',c')). A função do objeto direto encontra-se nas orações (cf. (77a e a')).

2) O predicado da oração principal associado a valores de desejo

- (78) a) ...não queria *ser confundida com*...
b) ...nunca esperei *ter de viver para*...
c) ...quis *matar*...
a') ...non voleva *esser confusa con*...
b') ...non mi aspettavo *di dover vivere per*...
c') ...ho voluto *ammazzare*...

Todos os exemplos deste grupo são as orações completivas infinitivas que desempenham a função de objeto e apresentam (exceto (78b')) o fenómeno da omissão do complementador introdutório. Como se trata dos verbos de desejo que não mudam na presença da negação, nos exemplos (cf. (78a,b, a' e b')), além do verbo ser negado, resta a exprimir algo subjetivo que introduzia o modo conjuntivo se as frases estivessem na forma finita (cf. (67d,d')) e o Comentário 15, p.15).

3) O predicado da oração principal expressa uma condição suficiente ou necessária

- (79) a) ...já não tinha necessidade *de fingir*...
b) ...é preciso *tomar providências*,...
a') ...che non aveva più necessità *di fingere*...
b') ...è necessario *prendere provvedimenti*...

Os exemplos apresentados mostram a igualdade em ambas as línguas relativamente às formas das frases que são todas infinitivas. Os verbos regentes são também equivalentes, tal como o nome em vez do verbo no segundo exemplo (cf. (79a e a')), precedido da negação que, como na seção anterior não muda o facto de se tratar de uma expressão regente do conjuntivo, se estiver na forma finita. Trata-se das orações completivas de objeto (cf. (79a,a')) e de sujeito (cf. (79b,b')) equivalentemente em ambas as línguas.

4) O predicado da oração principal expressa uma avaliação de um facto assumido

- (80) a) Não vale a pena *procurares*,...
- b) O Governo lamenta *ter sido forçado a exercer*...
- c) Acho melhor *irmos todos*...
- d) Que pena *não ter trazido a guitarra*.
- e) ...é possível *achar-se uma porção*...
- a') Non vale la pena *che le cerchi*,...
- b) Al Governo rincresce *di essere stato costretto a esercitare*...
- c) Penso *sia meglio andare tutti*...
- d) Che peccato *non aver portato la chitarra*.
- e) ...è possibile *trovare una porzione*...

Neste grupo dos exemplos podemos notar várias diferenças e semelhanças entre duas línguas em questão. No primeiro exemplo nota-se o infinitivo flexionado (cf. (80a)) que é na oração correspondente italiana é substituído pela subordinação finita, ou seja, a forma flexionada em conjuntivo (cf. (80a')). De novo se apresenta a negação que não mudou a atitude nem do verbo nem da frase. Na maioria dos casos a subordinação infinitiva não está marcada pelo complementador, que é o caso não só neste grupo dos exemplos, mas também no restante dos casos com as formas infinitivas neste trabalho. Quanto aos tipos das orações infinitivas, desempenham a mesma função as orações em português e equivalentes italianos, a função de sujeito (cf. (80a,d,e,a',d',e')) e a função de objeto (cf. (80b,c,b',c')).

O exemplo mais interessante é o terceiro (cf. (80c e c')) que, na realidade, tem duas frases completivas, ambas sem marcadores da subordinação. Enquanto a supressão do complementador *que* na língua portuguesa ocorre quase exclusivamente na escrita em registros formais, como se pode notar, na língua italiana a situação é bem diferente, onde omissão do complementador *che* nas orações completivas objetivas é muito presente na língua informal e na fala.⁴¹ Na frase portuguesa nota-se também a ausência de verbo auxiliar, que na versão italiana está no conjuntivo, indicando assim que os verbos da opinião na língua italiana são ligados ao grau da veracidade diminuído (cf. (67c e c')).

Como é evidente, quase todas as orações infinitivas mantêm a forma dos complementos oracionais infinitivos na passagem de uma língua para a outra, salvo nos casos de infinitivo

⁴¹ Típicas dos registros formais em italiano são as frases que além de complementador, omitem também o verbo auxiliar, como por exemplo *considero la questione chiusa* (considero a questão fechada) e são chamadas *frasi ridotte*.

flexionado onde é selecionada uma forma verbal flexionada que mostra as marcas morfológicas de coordenação com sujeito. Graças à mesma regência dos verbos, na maioria dos exemplos os tipos das orações correspondem.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE

A análise do capítulo anterior ajudou-nos a estabelecer correspondências entre alguns aspetos de frases completivas em português e italiano. O nosso foco incidiu sobre questões de subordinação finita e não finita e sobre a seleção do modo verbal nas completivas frases finitas que existem em ambas as línguas, porém, com alguns afastamentos na utilização.

A análise consistiu em duas partes, a primeira em que se apresentam tipos de predicados que introduzem as orações completivas da forma finita e certos modos verbais, e a segunda onde a ênfase estava na subordinação infinitiva que é um elemento inseparável das orações complexas, especialmente quando se trata das passagens de uma língua para uma outra onde muitas vezes se procura a solução mais próxima e mais sintetizada do contexto da frase original. Baseando-nos nos exemplos do nosso corpus, listamos as particularidades entre a estrutura interna, forma e tipo das orações analisadas.

Dos pares de exemplos equivalentes do nosso corpus, deduzimos as correlações entre duas línguas apresentadas de acordo com as regras relacionadas aos modos verbais. Quanto aos modos verbais, na língua italiana o modo conjuntivo aponta uma certa instabilidade, exprimindo um desejo ou uma ordem, enquanto o indicativo comunica uma ação ou um fato considerado real. Podemos dizer que a situação é mais ou menos idêntica àquela do português, todavia, vamos observar onde estão as diferenças consultando os exemplos da primeira parte da análise.

Os primeiros foram os predicados regentes do modo indicativo, que nos mostraram o seguinte:

- 1) No caso dos predicados que expressam conhecimento, também na língua italiana o modo usado é indicativo, com alguns exceções relativos ao grau da asserção e conhecimento, i.e., os verbos como *ignorare* em italiano selecionam o modo conjuntivo, dado o seu significado do desconhecimento.

- 2) Quanto aos atos de fala compromissivos, temos a mesma situação em ambas as línguas onde os verbos pertencentes a este grupo introduzem o indicativo, visto que se trata de alto nível da afirmação, ou seja certeza.
- 3) Os verbos declarativos regem o modo indicativo na língua italiana tal como na língua portuguesa. Porém, o uso do conjuntivo na língua italiana é permitido, senão favorecido, quando o falante se limita a expor os fatos e relatar palavras dos outros.
- 4) Passando aos predicados que introduzem um cenário imaginário podemos notar que a maioria dos exemplos na versão italiana está na forma infinitiva, porque os verbos deste grupo, além de verbo *sonhar* (cf. p.16), seleccionam o conjuntivo uma vez que são considerados indicantes de algo incerto, não ligado à realidade.
- 5) Quando se exprime a crença, não valem as mesmas regras nas duas línguas apontadas porque neste grupo dos verbos há muitos verbos de opinião que seleccionam de preferência o conjuntivo na língua italiana, que pretende usar este modo em expressões do nível da certeza diminuído (como por exemplo o verbo *parecer*). O que permanece igual em ambas as línguas é a seleção do indicativo nas frases que negam uma dúvida e passam a ser certas.

O segundo capítulo tratava os predicados que regem o modo conjuntivo, onde a comparação entre duas línguas deu os seguintes resultados:

- 1) Predicados que exprimem valores de obrigação ou permissão introduzem o modo conjuntivo em ambas as línguas, na língua italiana por falta da factividade.
- 2) No que diz respeito aos predicados que exprimem um desejo ou vontade, temos o uso do conjuntivo em todos os exemplos apresentados.
- 3) Os predicados que expressam uma condição suficiente ou necessária, usualmente usados na forma impessoal que introduz uma oração subjetiva, regem o modo conjuntivo em ambas as línguas românicas.
- 4) Os últimos são os predicados que expressam uma avaliação de um facto assumido, que introduzem o mesmo tipo das orações completivas regendo os mesmos modos verbais em ambas as línguas. Deste modo, o conjuntivo usa-se nas orações subjetivas introduzidas pelo verbo copulativo e um nome ou adjetivo tal como nas orações objetivas no contexto avaliativo-dubitativo. Se o adjetivo da oração

principal expressar um grau muito elevado da factividade, o conjuntivo na oração subordinada em italiano pode ser substituído pelo indicativo.

A função que desempenham as orações completivas apresentadas na análise, na maioria dos casos corresponde nas duas línguas observadas, visto que são introduzidas pelos mesmos verbos ou expressões nominais, com as construções sintáticas mais ou menos iguais. As diferenças notam-se na classificação mais detalhada das orações completivas nas gramáticas italianas contemporâneas, que reconhecem também as orações especificativas como uma parte da subordinação completiva, enquanto a diferença mais pormenorizada em português está nas orações objetivas. Todas as diferenças deste tipo podem ser abrangidas pelos contextos das orações completivas de objeto e orações completivas de sujeito. No corpus que analisámos nem sempre se mantém a possibilidade do uso das estruturas iguais em português e italiano, que é o resultado da sintetização do conteúdo que se substitui por um sintagma ou por uma expressão mais apropriada para o estilo de língua destinatária (cf. (67b') e (76a')). Quanto à estrutura interna, a maior diferença apresenta-se na possível omissão do complementador *que* (*che*) nas orações objetivas em italiano (cf. (80c'')), que na língua portuguesa está reservado somente para raros casos da língua formal escrita.

Na segunda parte da análise observámos o comportamento das frases que apresentam a subordinação infinitiva, que serve como substituição seja do modo indicativo seja do conjuntivo. O mesmo acontece na língua italiana, utiliza-se uma forma mais simples, em vez do indicativo ou do modo mais complexo, o conjuntivo, que se evita em todos os níveis da língua contemporânea falada, passando por isso a ser o indicante dos registos mais formais. No livro que utilizamos como ponto de partida, a forma infinitiva (*forma implicita*) é omnipresente seja na língua portuguesa seja na língua italiana. No que respeita a forma das completivas infinitivas, padrão é o mesmo: complementador, muitas vezes omitido, mais uma forma infinitiva. O elemento inexistente do infinitivo flexionado em italiano resolve-se pelo infinitivo não flexionado se o contexto permitir (cf. (72b')), ou pelo modo verbal que apresenta as marcas morfológicas (cf. (80c')), seja o indicativo seja o conjuntivo, em contextos onde os sujeitos não correspondem. Em quase todos os exemplos a função da oração infinitiva em português corresponde à italiana. As semelhanças da estrutura interna das formas infinitivas, que contém 2 elementos, um complementador seguido pelo verbo no infinitivo, é resultado da matriz latina comum (presente também nas outras línguas românicas). Foi também notado que infinitivo flexionado, inexistente na língua italiana, foi substituído ou pelo indicativo ou pela forma finita.

Nota-se, observando ambas as partes da análise, que a passagem de uma forma finita á uma forma infinitiva é muito comum, especialmente quando se tratar do modo conjuntivo. Pelo contrário, quando há uma oração infinitiva na língua de partida, é muito provável que a forma infinitiva se mantinha também na língua destinatária. De uma forma geral, o uso das completivas finitas ou infinitivas é facultativo. O uso das formas infinitivas é preferível quando um argumento da oração principal coincide com o sujeito da oração subordinada, enquanto a forma finita se prefere quando isto não é o caso.

Através deste tipo das comparações podemos dizer que as semelhanças nas orações completivas são bastante presentes, apesar de se tratar de uma língua mais próxima a originária do latim (a língua italiana) e uma que dela se afastou mais (a língua portuguesa). A maior diferença está no uso do conjuntivo, que em português está determinado por verbos que veiculam valores de modalidade avaliativa (e dubitativa) enquanto a língua italiana distingue ainda os contextos factivos ou epistémicos onde a veracidade da frase é pressuposta, ou seja, incerta, subjetiva e por isso precisa o conjuntivo, que em italiano é um modo de incerteza, dúvida, desejo, vontade, esperança, medo e opinião.

7. CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi observar e comparar as orações completivas com subordinação finita e infinitiva na língua portuguesa e italiana. Divididas assim, as orações completivas foram observadas por interno, tanto na estrutura e forma como no tipo da função que desempenham.

Na primeira parte da análise observaram-se as orações completivas da subordinação finita através da lista dos verbos proposta pelo Raposo *et al.*, ou seja predicados que introduzem o modo indicativo ou o modo conjuntivo. A mesma lista de predicados foi utilizada na segunda parte na qual apresentámos os exemplos onde a subordinação finita é substituída pela forma infinitiva.

Após a análise, a conclusão à qual podemos chegar é a de que há diferenças no uso dos modos e formas da subordinação, mas não há uma regra que pode abrangê-las todas. Em italiano, o modo verbal, além de depender de muitos fatores, é também o reflexo do nosso conhecimento de uma língua tal como da nossa atitude perante o interlocutor, que nos permite dizer que o conjuntivo está ligado aos registos mais formais, administrativos e burocráticos, enquanto o indicativo pertence aos registos mais baixos, língua coloquial e língua falada. Que o conjuntivo está ligado aos registos mais formais vale tanto em português quanto em italiano. O que difere nas línguas mencionadas são os fatores que determinam a seleção do modo nas expressões com verbos factivos. Em italiano, os verbos factivos associados à uma expressão de conhecimento selecionam o modo indicativo, enquanto o conjuntivo está fora dos âmbitos epistémicos. Ao contrário, na língua portuguesa o modo indicativo está selecionado por todos os verbos factivos, independentemente de valores de modalidade que veiculam, i.e., epistémicos ou avaliativos. O conhecimento da proposição complemento pode ser asserido ou pressuposto, que na língua italiana se reduz a apenas uma, aquela asserida e

privada de subjetividade, definindo desta maneira o modo indicativo como modo de certeza e conjuntivo o modo de incerteza, entre outros.

A função das orações completivas de língua portuguesa geralmente corresponde àquelas da língua italiana, desde que as modalidades e verbos determinantes sigam as mesmas regularidades em ambas as línguas. As diferenças podem encontrar-se na distribuição das preposições depois dos verbos regentes, que determinam se um objeto é ou não oblíquo, o que, em italiano, pertence ao âmbito de objeto (que pode também ser direto ou indireto), porém, maior parte das gramáticas não reconhece esta separação dos complementos verbais.

Por outro lado, observando as formas infinitivas podemos dizer que estão igualmente presentes em ambas as línguas e que o seu uso muitas vezes é puramente opcional. Porém, vale ainda mencionar que as orações completivas de tempo infinitivo marcam objetos da realidade, fora de âmbito das atitudes mentais. Para que uma oração completiva infinitiva seja possível, é preciso que os sujeitos das duas orações correlatem, regra que muitas vezes não se segue na língua coloquial. Observando as formas das orações infinitivas, podemos concluir que ambas as línguas preferem a omissão do marcador da subordinação infinitiva, ou seja geralmente não são introduzidas por um complementador (i. e. da preposição *de* ou *di*) e têm as estruturas equivalentes. Caso oposto se há com os marcadores da subordinação finita, a diferença da língua italiana, português não aceita a sua omissão.

Chegamos assim ao fim do trabalho, esperando ter satisfeito os objetivos propostos. Além de apontar as regras, semelhanças e diferenças das orações completivas em duas línguas, é preciso que não se esqueça a sua dependência da situação, contexto e interlocutor a quem o enunciado está endereçado. Regras que se aplicam na língua formal e língua escrita deferem da língua informal e língua falada, especialmente se se tratar da distribuição do modo verbal. Todavia, falar uma língua na maneira correta não é mais incorreto.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dardano, M; Trifone, P. (2001) *Grammatica italiana: con nozioni di linguística*, (3ª edição), Bologna: Zanichelli.

De Roberto, E. (2010) *Dichiarative, frasi* in *Enciclopedia dell'italiano*, Il Vocabolario Treccani, Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana. Disponível na:
http://www.treccani.it/enciclopedia/frasi-dichiarative_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.

Fiorentino, G. (2011) *Oggettive, frasi* in *Enciclopedia dell'italiano*, Il Vocabolario Treccani, Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana. Disponível na:
http://www.treccani.it/enciclopedia/frasi-oggettive_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.

Fiorentino, G. (2011) *Soggettive, frasi* in *Enciclopedia dell'italiano*, Il Vocabolario Treccani, Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana. Disponível na:
http://www.treccani.it/enciclopedia/frasi-soggettive_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.

Marques, R. (1996) *Sobre a seleção de modo em orações completivas*, (Universidade de Lisboa), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. I, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp.191-202. Disponível na:
http://www.clul.ul.pt/fi-les/rui_marques/sobre_a_selecao_de_modos_em_oracoes_compl.pdf.

Patota, G. (2010) *Interrogative indirette* in *Enciclopedia dell'italiano*, Il Vocabolario Treccani, Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana. Disponível na:

http://www.treccani.it/enciclopedia/interrogative-indirette_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.

Prandi, M. (2011) *Subordinate, frasi* in *Enciclopedia dell'italiano*, Vol. I, Il Vocabolario Treccani, Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, pp.1423-1427. Disponível na: http://www.treccani.it/enciclopedia/frasi-subordinate_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.

Raposo, P.; Bacelar, M.; Coelho, M.; Segura, L.; Mendes, A.; com colaboração de Vincente, G. e Veloso, R. (2013) *Gramática do português: Volume I*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Raposo, P.; Bacelar, M.; Coelho, M.; Segura, L.; Mendes, A.; com colaboração de Vincente, G. e Veloso, R. (2013) *Gramática do português: Volume II*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Robustelli, C. (2010) *Completive, frasi* in *Enciclopedia dell'italiano*, Il Vocabolario Treccani, Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, pp. 245-249. Disponível na: http://www.treccani.it/enciclopedia/frasi-completive_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.

Saramago, J. (2004) *Ensaio sobre a cegueira*, (9ª edição), Lisboa: Caminho.

Saramago, J. (2014) *Cecità*, (7ª edição), Milano: Universale Economica Feltrinelli.

Telve, S. (2011) *Congiuntivo, uso del [prontuario]* in *Enciclopedia dell'italiano*, Il Vocabolario Treccani, Roma: Istituto della Enciclopedia italiana. Disponível na: http://www.treccani.it/enciclopedia/uso-del-prontuario-congiuntivo_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.